

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA

PROGRAMA INSTITUCIONAL DE APOIO À PESQUISA

PIB-H/0096/2014 - Prolegómenos ao conceito de sujeito em Jacques Lacan - O
Estruturalismo e a psicanálise

Bolsista: Luan Luiz Pereira Batista

MANAUS

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL
PROLEGÔMENOS DA CONSTITUIÇÃO DE SUJEITO EM JACQUES
LACAN - O ESTRUTURALISMO E A PSICANÁLISE
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Bolsista: Luan Luiz Pereira Batista
Orientador: Prof. Dr. Odenei de Souza Ribeiro

MANAUS
2016
INTRODUÇÃO

Este relatório final de pesquisa descreve as atividades realizadas e o resultado obtido ao longo da pesquisa. As etapas desenvolvidas seguiram o cronograma e os objetivos definidos no projeto. Nosso trabalho consistiu na leitura dos textos selecionados e no fichamento das questões-chaves para a análise do sujeito nas obras selecionadas de Lacan. Nesse sentido, a pesquisa tem como recurso heurístico a hermenêutica.

O título do projeto expressa uma das questões-chaves para compreensão dos processos de subjetivação modernos, isto é, a constituição do sujeito em uma ordem social competitiva que exerce sobre os agentes um controle social a partir dos seus desejos privados. Não tivemos a pretensão de investigar toda obra de Lacan, nosso modesto objetivo é delinear o conceito de sujeito a partir dos três artigos selecionados para esta investigação, em outros termos, constitui uma análise descritiva do conceito de sujeito, tendo como base as três obras definidas previamente. Nossos objetivos, embora modestos, foram obrigados a empreender um diálogo com releitura que Lacan faz ao *cogito* cartesiano, momento significativo para o processo de autoconsciência do sujeito na cultura ocidental, e propõe mostrar que esta releitura, aliado ao que Lacan chama de "meu estruturalismo", faz com que Lacan subverta a corrente majoritária do estruturalismo – que via impossibilidade de uma formalização do sujeito em vias estruturais – e utilize exclusivamente da estrutura para formalização de seu sujeito.

Nossa análise preliminar das obras selecionadas conduziu-nos às bases filosóficas e epistemológicas que Lacan recorrerá para a formalização de seu sujeito, bases essas que perpassam o campo filosófico – pois é desta área que Lacan utiliza a categoria de sujeito para sua releitura da obra de Freud –, o que nos levou a uma adaptação da metodologia, colocando-se o que outrora se encontrava ocultado, embora presente. Tal metodologia constituirá, portanto, dos seguintes tópicos: (a) a releitura lacaniana do *cogito* cartesiano, primeira aparição do sujeito na história da filosofia, além da equação dos sujeitos de Lacan, cuja comparação entre o sujeito da ciência e o sujeito do inconsciente é ponto-chave; (b) o segundo tópico atém-se ao debate central da questão do sujeito no século XX, cuja compreensão da corrente estruturalista mostra-se importante. Diferentemente da vertente majoritária do estruturalismo, Lacan recorre justamente à estrutura para formalizar seu sujeito. Neste contexto, a

questão do sujeito é posta em dois fronts, os que não veem possibilidade de um conceito de sujeito – entre eles citamos Wittgenstein, Heidegger e Althusser – e outros que viam sim a possibilidade de se conceituar o sujeito – onde encontram-se Lacan, Deleuze e Husserl; (c) o terceiro e último ponto atém-se à formalização de sujeito em Lacan, se este pode ou não ser considerado um conceito nos sentidos científico e filosófico do termo, busca mostrar o porquê que para Lacan o sujeito se *constitui* e não se desenvolve, a importância do discurso do *Outro* no processo de constituição do sujeito, o estágio do espelho e sua função formadora do eu, enfim, todas as problemáticas levantadas pela técnica e teoria psicanalíticas, e o principal, se para Lacan, os processos constituintes do sujeito pelo discurso significante do *Outro*, modificam-se através das interações sociais, e se, assim sendo, alterações constitutivas em sujeitos por órgão institucionalizadas ou não podem ocorrer. Colocando em outros termos, se o sujeito lacaniano, o sujeito do inconsciente, mereceria tal nome ou se se diluiria em meio às concepções culturalistas, sociológicas ou neurobiológicas, que tendem a reduzir *a positividade do sujeito*, em detrimento dos planos biológicos ou sociológicos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A problemática do sujeito na obra de Jacques Lacan encontra-se disseminados ao longo de seus 26 seminários e dos Escritos, série de artigos publicados no ano de 1966. A disposição dos

conteúdos nos seminários obedecem uma certa ordem até o seminário X: os seminários ímpares (I, III, V, VII e IX) tem como foco a ordem simbólica, o significante, enquanto os seminários pares (II, IV, VI, VIII e X) focam na questão do sujeito. É claro que, embora o foco dos seminários ímpares seja outro, a questão do sujeito perpassa todos. Escolheu-se como objeto para estudo o seminário II (*Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*, Seuil, 2002), os artigos *Subversão do sujeito e dialética do desejo*, *Do sujeito enfim em questão*, e *“Metáfora do sujeito”*, todos publicados nos *Escritos* (Zahar, 1998). Os artigos *Ciência e Verdade* e *O estádio do espelho como formador da função do eu*, publicados em *Escritos*, também foram utilizados para melhor compreensão de outros aspectos da psicanálise lacaniana.

Da obra de Freud, selecionamos, dentro de todo o *corpus* freudiano, a leitura dos textos ditos “tópicos”, seja da técnica psicanalítica seja dos textos costumeiramente chamados de psicologia dos povos: *A interpretação dos sonhos* (L&PM, 2013), Para introduzir *O narcisismo* (Cia. das Letras, 2010), *O Eu e o Id* (Cia. das Letras, 2010), *Além do princípio de prazer* (Cia. das Letras, 2010), *Totem e Tabu* (Cia. das Letras, 2012), *O futuro de uma ilusão* (L&PM, 2010), *Psicologia das massas e análise do eu* (L&PM, 2013).

Os livros chaves de comentadores e seguidores de Jacques Lacan, sobre a questão do sujeito, estendem-se por uma ampla bibliografia, em português e francês. Para o objeto desta pesquisa utilizou-se: *O conceito de sujeito*, de Luciano Elia (Zahar, 2012), *O sujeito lacaniano*, de Bruce Fink (Zahar, 1998), *La formation du concept de sujet*, de Bertrand Ogilvie (Puf, 2005), *Os Outros em Lacan*, de Antonio Quinet (Zahar, 2012).

Para consulta de verbetes da técnica e teoria psicanalíticas utilizou-se o *Dicionário de Psicanálise Larousse Artes Médicas*, organizado por Roland Chemama (Artes Médicas, 1993) e o livro de Elisabeth Roudinesco e Michel Plon, *Dicionário de Psicanálise* (Zahar, 1998).

Acerca do sujeito cartesiano, o *cogito* é formulado epistemologicamente no *Discurso do Método* e metafisicamente nas *Meditações metafísicas*. Utilizou-se a tradução da coleção *Os*

Pensadores de J. Guinsburg e Bento Prado Jr. e a edição bilíngue das Meditações sobre filosofia primeira, com tradução de Fausto Castilho (CEMODECON, 1999).

Sobre o embate no século XX entre os defensores de uma teoria do sujeito e os que não viam possibilidade ou utilidade de uma teoria, e sobre o estruturalismo lacaniano, utilizou-se o artigo de Gilson Iannini, *E, no entanto, o sujeito...*, publicado na revista Filosofia em junho de 2012.

Para melhor compreensão da alteridade para Jacques Lacan, buscou-se a leitura da Dialética do Senhor e do Escravo, de Hegel, presente na obra Fenomenologia do Espírito, da tradução do francês de Paulo Meneses (Vozes, 1997), e o comentário crítico de Jean Hyppolite, Gênese e Estrutura da Fenomenologia do Espírito de Hegel (Discurso Editorial, 1999).

Das obras sociológicas escolheu-se A ideologia alemã, de Karl Marx e Friedrich Engels (Boitempo, 2007) e Economia e sociedade, de Max Weber (IMESP, 1991). Sobre a Teoria dos Atos de Fala, técnica analítica da filosofia da linguagem, usou-se o artigo da Stanford Encyclopedia of Philosophy, que pode ser acessado pelo link <http://plato.stanford.edu/entries/speech-acts/>, além dos livros de J. L. Austin, Quando dizer é fazer (Artes Médicas, 1990), e de J. R. Searle, The Construction of Social Reality (Simon & Schuster, 1995).

O SUJEITO PSICANALÍTICO E O SUJEITO DA CIÊNCIA

Como o próprio título da pesquisa traduz, pode-se dizer, sem demora, que o sujeito, tal como se concebe na psicanálise, se *constitui*, e, por conseguinte, não se *desenvolve*, e muito menos *nasce*. Quanto a isso ficará claro durante todo o desenvolvimento da pesquisa, mas algumas palavras acerca desta discussão far-se-á agora. A psicanálise é um método de análise clínica e cultural que supõe a existência de um sujeito, assim, aliás, como as ciências e, inclusive, as ciências ditas humanas, dentre elas a filosofia e a sociologia. Mas diferente de outras áreas do conhecimento, a psicanálise

observa o sujeito, o sujeito psicanalítico, o sujeito do inconsciente, em toda a sua *positividade*. A psicanálise, portanto, através desta surpreendente característica, subverte toda a lógica culturalista ou sociológica – que tende a reduzir a positividade do sujeito em detrimento das esferas políticas ou sociais – e toda a lógica biológica – onde o avanço das chamadas neurociências, tão em moda no século XXI, constituem um sério risco de perda de espaço do sujeito, daquele que age e é *sujeito* de si, e daquele que por agir através de algo, um *subjectum*, nem por isso perde sua positividade. A psicanálise, portanto, principalmente nas concepções que Freud lançou e Lacan reavivou, não se insere em correntes que buscam conceituar os indivíduos através de vieses deterministas culturais, sociais ou biológicos, reduzindo a positividade do sujeito em detrimento destes outros campos, estes sim positivos, e por tal motivo, num sentido político, pode-se afirmar o caráter subversivo da psicanálise como o campo do qual o sujeito é ouvido.

Pode-se dizer, acompanhando a leitura de Lacan, "que o sujeito sobre quem operamos em psicanálise só pode ser o sujeito da ciência" (LACAN, 1998), frase embaraçosa a primeira vista e que pode até aparentar um certo paradoxo, mas que levando em frente a análise lacaniana torna-se clara. O sujeito nasce com a ciência mas é por ela deixado de lado, é por ela posto para escanteio, ou melhor – o sujeito surge *com* a ciência e *através* dela, mas passa a ser excluído do campo de ação da ciência logo após ser concebida. Tal concepção é tão influente em Lacan que para ele o inconsciente jamais poderia ter sido descoberto antes do século XVII. Lacan parte da obra de A. Koyré *Do mundo fechado ao universo infinito* para localizar sua concepção de ciência, e justamente daí, sua noção de sujeito. Koyré utiliza a noção de um corte epistêmico (conceito fundamental na teoria do conhecimento de Bachelard), para caracterizar o surgimento da ciência moderna – o que pra concepção de Koyré contém até um certo pleonasma, visto que a ciência surge como moderna. Para Koyré, o corte epistêmico é justamente o corte que evidencia o nascimento da ciência moderna e o fim da *episteme* antiga, ou seja, o fim das concepções cosmológicas e ordenadas de um universo fechado, herdado ainda de uma remota física da antiguidade, e o nascimento de uma nova ciência, que já surge como moderna, que se depara com um universo infinito e não explicado, um universo de dúvida, de inquietude com relação à natureza, de descentralização do homem e de perda de todos os seus

supostos referenciais. O operador, para Koyré, deste corte epistêmico, é a dúvida metódica cartesiana, que para Lacan é o surgimento do sujeito no campo da cultura.

O sujeito tem, então, uma certidão de nascimento, um nome e um pai: é o século XVII, seu pai é o filósofo francês René Descartes, e seu nome entrou para a história do pensamento ocidental como *cogito* cartesiano. Sem precisar adentrar às nuances metafísicas que sustentam o *cogito*, é importante citar, para o interesse explicativo da releitura que Lacan propõe, o contexto em que o *cogito* aparece. O *cogito* cartesiano aparece num momento de angústia na história do pensamento e da cultura ocidentais. Havia então pouco tempo desde que Copérnico provara o heliocentrismo em detrimento do geocentrismo. Outro, contemporâneo de Descartes, foi Galileu Galilei, que provou que os corpos pesados caem não porque são tal como são (um senso comum a toda idade média, derivada da física aristotélica), mas porque são atraídos para a terra (matéria atrai matéria na razão direta das massas e inversa das distâncias). Não é fácil para nossa cultura deveras cientificista e tecnológica imaginar o impacto que tais ideias surtiram na época, mas foi tamanho que as consequências foram tão *somente* o nascimento da ciência moderna e do sujeito e, logo em seguida, a separação de ambas. O próprio Freud classificou este momento como uma das três feridas narcísicas da humanidade – os outros foram a teoria da evolução das espécies de Darwin e o próprio Freud com a psicanálise.

Descartes foi o operador de um corte epistêmico na história da ciência, e o foi em um momento de angústia. Descartes, emprestando o ceticismo renascentista, aplica um determinado método, supõe uma dúvida hiperbólica, formula seu *cogito*, faz-se sujeito através de um despojamento de suas qualidades pessoais, faz-se não através de um psicologismo mas de uma exterioridade que se faz em si, faz-se sujeito distinto de toda individualidade empírica, e o sujeito surge na expressão que entrou pra história do pensamento humano: "*cogito ergo sum*". Penso, logo sou. E não como se costuma traduzir: penso, logo existo. E há aqui razões óbvias: o *cogito* cartesiano garante, como primeira prova (nas *Meditações Metafísicas*), uma *res cogitans* (coisa pensante) que na sexta meditação fica provado ser algo totalmente diverso de uma *res extensa* (coisa extensa); sem contar a questão de exatidão de tradução, visto que o verbo latino é *sum* (ser) e que a expressão em francês, expressa no Discurso do Método, é *Je pense donc je suis* (eu penso logo eu sou).

O sujeito, portanto, desde seu surgimento metafísico na cultura até a formulação lacaniana, não se pode ser descrito através de um recorte de natureza empírica, não se pode ser medido, calculado, embora a neurociência sempre insista em fazê-lo. A categoria de sujeito, nas concepções filosóficas ou científicas, não é um *conceito*, algo que exija uma determinada *concepção*. Tanto que Lacan o nomeou utilizando conjuntamente o atributo *fundamental*, assim como o fez também com o inconsciente, a pulsão, a transferência e a repetição (objetos de um dos seminários de Lacan: *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*). Mas se o sujeito não é um conceito, não se pode ser medido, calculado, não decorre de uma determinada concepção, o que é então o sujeito? E mais, o que consiste um conceito fundamental e por que noções como o inconsciente e pulsão também o são?

Um conceito fundamental, referido por Freud como *Grundbegriff*, é tal que mais se impõe a experiência analítica do que dela decorre, do que é por ela *concebida*. Não se trata de uma exterioridade previamente analisada e racionalizada, e sim, uma imposição à experiência que faz a exigência de uma conceitualização. O sujeito, para Lacan, assim como o inconsciente, a transferência, a pulsão e a repetição, são noções chaves, que por imposições à experiência analítica – e não delas decorridas *a priori* –, exigem o trabalho formalizador do teórico, e, por isso, Lacan – acompanhando o *Grundbegriff* de Freud – só o concebe em consonância com o atributo *fundamental*.

"O sujeito, assim, é uma categoria que se impõe à experiência, na exigência de elaboração teórica que esta faz ao psicanalista. Se a instalação de um determinado dispositivo acarreta, como consequência das condições que assim se estabelecem, a emergência de determinada produção do inconsciente, impõe-se supor que algo como um sujeito encontre-se em operação no inconsciente".

(ELIA, 2012)

O sujeito é, então, suposto pela ciência mas dela excluído de seu campo de ação, pois uma análise minuciosa do sujeito acarretaria problemas para uma ciência ainda a nascer, uma ciência

pautada em certa noção de razão, que Freud, com o inconsciente e a psicanálise, destroçaria cerca de três séculos depois – o que explica a percepção de Lacan de uma determinada razão a partir de Freud.

A PROBLEMÁTICA DO SUJEITO NO SÉCULO XX

A questão do sujeito, desencadeada pelo *cogito* cartesiano, perpassa então o campo da filosofia. Filósofos como Espinosa, Kant, Hegel, Fichte, Marx, tratarão, cada qual sob sua ótica, das questões relacionadas ao sujeito levantadas por Descartes. O século XX é o momento talvez de maior angústia do pensamento ocidental, parafraseando Galbraith e Berman, uma era de incertezas onde tudo o que é sólido desmancha no ar. Tal momento não é anódino e pode ser explicado com os papéis devastadores com que as filosofias de Marx, Nietzsche e Freud desencadearam no mundo. Todos os reverenciais dos homens – Razão, Moral, Religião, Metafísica, Ciência – foram destroçados. É nesse contexto que se encontra todo o debate filosófico e cultural do século XX, dos positivistas lógicos à teoria crítica, do estruturalismo ao existencialismo, e a questão do sujeito, pontual em uma época cujo homem nem referencial de si contém, volta-se como essencial e imprescindível.

No século XX, a problemática do sujeito é colocada em dois fronts, os que são a favor à uma conceitualização e aos que não viam possibilidade ou utilidade de tal empreitada filosófica. Dentre os que não viam possibilidade ou utilidade de uma formulação acerca da questão do sujeito destacam-se o existencialismo de Heidegger, o estruturalismo radical de Althusser e Wittgenstein. Heidegger, partindo também de Descartes, considera que a categoria de sujeito é metafísica e que, assim sendo, deve ser *desconstruído* a partir dela. Lacan responde a Heidegger com sua releitura do *cogito* cartesiano, sua equação dos sujeitos e a postulação do sujeito cartesiano como o sujeito da ciência, o sujeito como um vazio de conteúdos e resultado de uma combinatória de significantes, o que reduz assim todo o aspecto metafísico do sujeito. Para Althusser o sujeito é uma categoria da ideologia e não um conceito científico, ao que Lacan responde que o que é categoria da ideologia é o eu (moi),

altamente alienado em toda sua estrutura narcísico-imaginário, e não o sujeito condicionado pelo simbólico e determinado pelo real. Já Wittgenstein afirma que o sujeito está no limite do mundo, e acerca do que está fora da linguagem deve-se calar, ao que Lacan responde ironicamente de que, se o sujeito está no limite do mundo, ele encontra-se barrado nessa fronteira, uma parte dele encontra-se dentro da linguagem, nos limites simbólicos que a análise pode desconstruir, e a outra parte, fora da linguagem, condicionada pelo real, poder-se-ia então recorrer à topologia, aos matemas e à lógica.

Dentre os que viam possibilidade da formalização de um sujeito no ambiente cultural e filosófico do século XX encontram-se, além de Lacan, a fenomenologia de Husserl e Deleuze – com claras influências freudianas e spinozistas. Husserl, com sua fenomenologia, defendia a identidade entre sujeito e consciência, ao que Lacan argumenta que não é a consciência que determina e qualifica o sujeito, e sim o inconsciente, desqualificando assim a teoria de Husserl. Já Deleuze a afirmar que o sujeito “é como uma dobra da exterioridade”, um modo de toda a totalidade, o que para Lacan é inconcebível, pois o sujeito exige não uma totalidade, e sim, uma total destotalização de todo o sujeito barrado pelo simbólico, pelo significante.

Lacan, pode-se dizer, navega contra a maré majoritária da corrente estruturalista, que não via uma possibilidade de formalização do sujeito, não sem uma tentativa de *psicologizar* ou *naturalizar* o sujeito, o que tenta fazer Daniel Lagache, ao que é totalmente criticado por Lacan. Para tanto, Lacan recorre ao que ele chama de *meu estruturalismo*, oferece uma estrutura que funciona como uma máquina que põe em cena, de modo dialético e positivo, o sujeito. Lacan recusa de todas as formas as noções de “idealismo” ou “empirismo” para sua noção de estrutura. A estrutura não é nada além de uma combinatória simples e pura do significante na realidade onde ele se produz, o estruturalismo é tomar o objeto como efeito da linguagem, como efeito do encontro com o significante. O estruturalismo *tout-court*, que via impossibilidade de conceitualização do sujeito em vias científicas, é então confrontado com *esta outra forma* de se enxergar o sujeito proposta por Lacan. E Lacan recorre ao fato de que, a negação do sujeito pela ciência e, por conseguinte, da corrente majoritária do estruturalismo, não acarreta que o sujeito não exista, pelo contrário, exige uma outra

formulação, uma outra lógica que a influência de Hegel mostra-se completamente necessária, e que a dialética do desejo é fundamental.

O PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NA TÉCNICA DA PSICANÁLISE

Pois bem, o sujeito se constitui, por conseguinte, não nasce e não se desenvolve. O processo de constituição do sujeito é uma resposta dada pelo sujeito – ainda a se constituir – ao discurso do Outro. Mas não vamos nos adiantar. Primeiramente, Freud fala de uma ação específica, que seria a ação necessária para que o bebê humano continuasse vivo na terra, visto que seu tempo de gestação não é suficiente para isso, e sem esta ação específica, é preciso que nenhum ser humano sobrevivesse. Isso introduz no mundo do bebê – chamaremos de bebê, pois é o nome comumente aplicado aos recém-nascidos – o campo da alteridade, pois é um *outro* que trará o leite ao bebê. O fato curioso é que, aquele que traz o leite ao bebê, aquele que faz a *ação específica* necessária a sobrevivência do bebê, não traz ou faz somente isso, a mãe – que assim chamaremos porque é quem usualmente exerce essa função, podendo ser o pai, orfanatos, quem quer que seja – traz o campo do simbólico, traz, além de tudo, o significante. O bebê, então, passa não apenas a desejar o leite, como também o local daquele que traz o leite, todo o discurso significante que o engendra, toda uma ordem discursiva inconsciente para ambos, e esse lugar do inconsciente, ordenador discursivo da fala, engendrador significante de toda uma ordem simbólica inconsciente e estrutura significante do inconsciente do sujeito *em devir*, Lacan chama de *Outro* (com “o” maiúsculo). Aquele quem traz o

leite e exerce a ação específica é o outro (agora com “o” minúsculo). Tal dissociação é fundamental para entender a questão da alteridade para Lacan. Bom, esse encontro do bebê com o Outro, com o significante, faz com que algo, no bebê, surja, o sujeito aparece como um ato de resposta ao campo do Outro, uma vez que o sujeito é barrado pelo inconsciente. Mas não vamos nos adiantar muito, um longo percurso dialético nos separa ainda de uma melhor compreensão da dialética constitutiva do sujeito no universo estrutural de Lacan, e tal como ele, é a Freud que devemos recorrer.

O nascimento da psicanálise, como técnica analítica de acesso ao inconsciente, nasce com Freud, no ano de 1900, no livro cânone A interpretação dos sonhos. É claro que antes Freud já enveredara pela subjetividade, mas devido à falha de seus primeiros operadores, dentre eles a hipnose, a psicanálise só veio a surgir com a descoberta da **regra fundamental** (mais uma vez o atributo *fundamental*): a associação livre. Mas em que consiste essa regra? Por que ela se caracteriza como única capaz de adentrar as profundezas do inconsciente? E quais foram os passos de Freud para chegar até ela, fundando assim a psicanálise?

O primeiro passo de Freud, na tentativa de um acesso ao inconsciente, é a hipnose. Pode-se dizer que enquanto havia hipnose, não havia sujeito, não havia acesso ao inconsciente. É claro que havia uma certa produção de saber por parte do analisando, mas ela ficava sob o poder do analista e era logo em seguida esquecida pelo analisando. Mas, mesmo que não fosse esquecida pelo analisando, era tal que, como posteriormente foi evidenciado, não chegava nem perto daquilo que chamamos de saber do inconsciente. Nesta época, Freud teoriza, seguindo Charcot, que existe uma segunda condição psíquica das ideias (*condition seconde*). Essa *condition seconde*, local em que se mantinha as lembranças traumáticas – separada da consciência – era causa dos sintomas. A *condition seconde* era, portanto, uma condição abaixo da consciência, algo como um relaxamento dos nexos associativos, sendo, portanto, muito diferente daquilo que posteriormente foi concebido como inconsciente.

Aquilo que leva Freud romper com a hipnose, e dar então o grande passo em direção à descoberta do inconsciente e criação da psicanálise, são a noção de defesa (*Abwehr*), que contradiz completamente a segunda condição psíquica das ideias – *condition seconde*. A defesa é o ato de o

sujeito nada querer saber sobre o trauma, implicando no sintoma – mas como sustentar que um ato tão forte por parte do sujeito possa vir justamente de uma condição inferior dos nexos de consciência, uma condição segunda?

Só então, depois de abandonada a hipnose, que Freud chega à regra fundamental, a associação livre. Freud pedia para um sujeito hipotético, que falasse tudo o que lhe viesse à cabeça, e, na medida de sua possibilidade, não empregasse nenhuma significação ao que fosse dizendo. Tais são as condições que possibilitam uma via de acesso ao inconsciente. Pedir para o analisando não emprestar nenhuma qualidade, significação, ao que vier a ir dizendo, possibilita, que nos tropeços diacrônicos característicos da fala humana, o sujeito do inconsciente, cujo discurso concreto é a fala, consiga submergir, saindo, devido à regra, dos golpes do recalque.

Lacan, relendo Freud sob o viés da então nova ciência da linguística, emprega então sua máxima: *ora, o inconsciente é estruturado como uma linguagem e que, sendo assim, é a palavra a via de acesso a ele*. Bom, sabe-se já por Freud que a via de acesso ao inconsciente é a palavra, mas o que significa dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem? E por que justamente a fala é a via de acesso a ele? E qual é a fundamentação epistemológica para Lacan utilizar-se da linguística para releitura de Lacan? Para responder tais perguntas, deve-se primeiro apresentar a dicotomia saussuriana entre significante e significado, — cuja influência, junto com a do linguista Roman Jakobson, é de fundamental importância para o pensamento lacaniano — e de como Lacan subverte-as para sua teoria do inconsciente.

Sustentar o funcionamento psíquico do inconsciente não seria possível com um referencial não simbólico — de estatuto biológico, neurológico — visto que a experiência psicanalítica do sujeito se estrutura através de um sistema de representações, de traços de memórias, de signos de percepção, que se organizam em condensação e deslocamento (atos falhos, sonhos, e todas as manifestações do inconsciente descobertos por Freud); e tampouco com referenciais não materiais — de estatuto "psicológico", o que reduziria seu suporte a uma ordem puramente metafísica. O inconsciente é, para Lacan, e implicitamente para Freud (embora não por ele tratada especificamente,

mas em sua obra suposto), sustentando por uma ordem que o situe em relação a dois estatutos: ele deve ser material (a psicanálise é um saber materialista) e, ao mesmo tempo, simbólico (a psicanálise não é um biopsicologia). O campo que enquadra esses dois estatutos é o campo da linguagem, principalmente depois que Ferdinand de Saussure a fez ciência, nas primeiras décadas do século XX.

Saussure emprega, para constituição de um signo linguístico, a dicotomia de significante e significado, uma implicando na outra. Para Saussure, significante é uma imagem acústica e material a qual será associado uma ideia, o significado. Lacan utilizará tal dicotomia, mas na sua leitura, significante e significado não vieram ao mundo casados, não são estritamente uma *dicotomia*, uma *dualidade*, não implicam mutuamente um ao outro, pelo contrário, há uma certa *primazia do significante* sobre o significado. O significante, aquilo que faz significar, é primeiro em relação ao significado. Ou melhor, é somente no engendramento de significantes que os significados se produzem. Isso explica o porquê que a fala constitui a via única e direta de acesso ao inconsciente, pois devido ao caráter diacrônico da fala humana, esta permite que significante e significado se separem, e que, por traz das significações alvo do recalque do inconsciente, os significantes engendrados dos sentidos que o acarretaram possam emergir. Assim torna-se clara o porquê é somente através da fala que se pode ter acesso ao inconsciente, pois como então, através de uma pintura, ou uma dança, ou uma música, ou quaisquer manifestações do campo do simbólico, poderíamos evidenciar o que é significante engendrador do sentido, ou significado, e mais, como o sujeito, ao se expressar de qualquer modo que não seja à fala, pode reconhecer como seu saber do inconsciente o discurso uma vez produzido? É por essa razão que o inconsciente é, para Lacan, e implicitamente também para Freud, estruturado como uma linguagem, e é através dela que ela deve ser desconstruída. Essa é a descoberta que Freud empreende e que acarreta o nascimento da psicanálise e o sujeito, através do inconsciente, emerge novamente na ciência, tendo sido expulso campo de sua atuação, uma vez concebido.

Pois bem, com que Lacan se depara uma vez que entra em contato com o inconsciente? Junto com a noção de defesa (*Abwehr*), essencial para o passo necessário que acarretaria a descoberta da psicanálise, Freud conceitualizou a noção de *resistência* como o ato de resistência do sujeito do

inconsciente às investidas do analista. Com isso podemos até supor que Freud contava, como decorrência lógica da noção de *defesa*, mas houve também outra manifestação por parte do sujeito que deixou Freud deveras intrigado, o que posteriormente nomeou como *transferência*. A *transferência*, manifestação de afeto, amor ou ódio, que o analisando sente pelo analista no momento de branco dos nexos comunicativos, e que a psicanálise com o título justo chama de *amor*, não era apenas umas das manifestações de defesa ou resistência do sujeito – o que Freud primeiramente teorizou, mas que logo viu sua incompatibilidade com a experiência. A *transferência* era a própria presentificação real do inconsciente, e não apenas uma interpretação por parte do campo simbólico que o *eu* faz de si, o que acontece com todas as outras manifestações do inconsciente – as formações do inconsciente e os sonhos – e foi num sentido de trabalhar com a transferência, no campo da demanda e do amor que Freud, com muita perspicácia, dirigiu-se em direção ao sujeito. É importante salientar que quando se trata dos afetos freudianos, pensa-se todas as coisas que afetam o sujeito sem serem eles constituídos de qualquer significação, o que aproxima essa noção à noção que afeto tem em Espinosa, e que os afetos já nutridos por significações, deixam de ser afetos, passando-se a ser *sentimentos*, e como bem salientou Lacan, numa bela homofonia no francês, que é sua língua, le sentiment (o sentimento) e le sentiment (o sentido mente). A transferência, no plano do amor e da demanda, situa o sujeito em meio a uma relação objetal com a pessoa do analista, e através disso, Lacan, seguindo Freud, pôde teorizar precisamente acerca do processo de constituição do sujeito.

Retomando ao fio da meada, o bebê, devido a ação específica perpetrada por um *outro*, encontra-se com toda uma ordem significante que o engendra e o barra (*Outro*), que faz com que algo em si responda a essa barragem pelo significante, e esse algo é o sujeito. Mas em meio de todo esse processo, há toda uma lógica dialética, que pode ser evidenciada muito bem pelas justaposições entre *necessidade, desejo e demanda*.

Primeiramente, a necessidade é mítica para o sujeito, expliquemos agora o porquê. O indivíduo ao nascer, vem dotado com suas necessidades vitais, tais como alimentação, os demais instintos de fome e dor, que sua programação biológica já o supõe. Este é o estado de *necessidade* que Freud se refere, e que Lacan insere na lógica da dialética da demanda e do desejo. Mas essa

necessidade nunca pode ser *sentida* pelo sujeito em toda a sua potencialidade, porque o sujeito ainda não era *constituído*, e uma vez o sujeito constituído, a necessidade já passa a ser perpassada pelo campo do simbólico, que a rechaça, a subverte, a esmaga, transformando-a em pulsão. A pulsão é, então, o nível da necessidade (que é mítico para o sujeito) moída com a presença do significante. Por isso Lacan insiste que a tradução do *Trieb* freudiano (pulsão, para Lacan) nunca poderá ser instinto – como insistiu James Strachey na tradução para o inglês – justamente porque o instinto jamais poderia ter sido *sentido* em toda a sua potência pelo sujeito.

Uma vez que o objeto da necessidade, através da demanda – ou seja, do encontro com a alteridade, os “outros” –, se transforma em objeto de desejo, barrado pelo significante, algo nesse sujeito, uma vez constituído, surgirá como faltoso, como insignificável, como não articulável em palavras, e esse objeto causam de todo o desejo e reflexo de uma necessidade moída pelo significante, Lacan chamará de *objeto a* – onde o “a” vem da palavra *outro*, que é francês é *autre*. Este *objeto a* constitui-se como a causa de todo o desejo, e submerge como uma falha estrutural, que jamais poderá ser significado, simbolizado, satisfeito. Lacan salienta que, embora não seja articulado em palavras, não quer dizer que não seja articulável no campo inconsciente.

Freud, então, de modo genial, recorreu a um mito, o único nos discursos científicos modernos, para dar conta e teorizar a questão da falta, que Lacan chamou de *objeto a*, como essencial na dialética da constituição do sujeito e da vida psíquica do sujeito então constituída. Assim o assassinato do pai da horda primitiva, o complexo de Édipo, e toda a simbolização da falta, são causa do desejo, da cultura, e essencial nas formalizações do sujeito que finalmente emerge.

CONCLUSÃO

Através da análise e leituras prévias, chegou-se a alguns resultados parciais com relação aos objetivos traçados no projeto: a) o sujeito, tal como se concebe os campos filosóficos e científicos, não é um conceito, não pode ser determinado *a priori*, não é um *construto*, e sim uma imposição que a experiência analítica dá ao analista, de tal forma que surge para tal uma determinada emergência de teorização; b) É numa relação dialética entre um *potencial sujeito* e sua alteridade – o *outro* (do campo do imaginário, pessoa, objeto, um significante para outro sujeito) e o *Outro* (do campo do simbólico, lugar do inconsciente, estrutura significante perpassada pelo campo social de forma inconsciente pela mãe) que o sujeito vem a se constituir, evidenciando que o sujeito, em seu processo de *constituição*, e não de *desenvolvimento* ou *nascimento*, é suposto em toda a sua positividade, em detrimento de outros campos também positivo e que também estão dialeticamente envolvidos na trama de sua constituição. O sujeito se constitui na tessitura das experiências concretas, é uma síntese de múltiplas determinações das efetivas experiências dos agentes. Sedimentado no eu a linguagem simbólica expõe as continuidades e descontinuidades no processo de constituição dos sujeitos. Em uma modernidade líquida, como afirma Bauman, os agentes tem no processo de constituição do sujeito um mal star resultante da aceleração das experiências e da constrição dos espaços vi novas tecnologias. Processo que Lacan não podia prever dado o horizonte de sua consciência possível, em outras palavras, dados as condições sociais, políticas, econômicas e culturas na qual desenvolveu sua concepção de sujeito nos anos sessenta.

A Obra de Lacan deve ser compreendida no contexto do debate estruturalista que dominou o cenário intelectual francês durante toda a década de sessenta, não podemos desconsiderar seu diálogo com o marxismo, a filosofia existencialista de Sartre e as manifestações estudantis que eclodiram em maio de sessenta e oito. Essa atmosfera em constante ebulição constituiu o ambiente no qual o sujeito adquire consciência de si e do mundo.

BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, Castelar de. **Para compreender Saussure**. Editora Vozes. Rio de Janeiro, 2003.

CHEMAMA, Roland. **Dicionário de Psicanálise Larousse Artes Médicas**. Editora Artes Médicas. Tradução Francisco Franke Settineri. Porto Alegre, 1995.

DESCARTES, René. **Os Pensadores**. Editora Abril Cultural. Tradução Bento Prado Jr. e J. Guinsburg São Paulo, 1973.

_____. **Meditações sobre filosofia primeira**. Tradução Fausto Castilho. Editora CEMODECON. Campinas, 1999.

ELIA, Luciano. **O Conceito de Sujeito - Col. Psicanálise passo-a-passo nº 50**. Editora Jorge Zahar, 2004, Rio de Janeiro.

FINK, Bruce. **O sujeito laciano**. Editora Jorge Zahar. 1998, Rio de Janeiro.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos Sonhos**. Editora L&PM. Tradução: Renato Zwick. Porto Alegre, 2012.

_____. **Introdução ao Narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos. Obras Completas Volume 12**. Editora: Cia das Letras. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo, 2010.

_____. **Totem e Tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos. Obras Completas Volume 11**. Editora: Cia das Letras. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo, 2012.

_____. **O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos. Obras Completas Volume 16**. Editora: Cia das Letras. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo, 2012.

_____. **História de uma Neurose infantil, ("O homem dos Lobos"), além do princípio do prazer e outros textos. Obras Completas Volume 14**. Editora: Cia das Letras. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo, 2012.

_____. **O futuro de uma ilusão**. Editora: L&PM. Tradução: Renato Zwick. Porto Alegre, 2012.

_____. **Psicologia das massas e análise do eu**. Editora: L&PM. Tradução: Renato Zwick. Porto Alegre, 2012.

IANNINI, Gilson. **E, no entanto, o sujeito....** Revista Filosofia. Publicação Ano VI, nº71, junho de 2012.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 2 – O Eu na teoria de Freud e na técnica psicanalítica**. Editora Jorge Zahar. Tradução: Marie Christine Laznik Penot. 1985, Rio de Janeiro.

_____. **Escritos**. Editora Jorge Zahar. Tradução: Vera Ribeiro. 1998, Rio de Janeiro.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. Editora Boitempo. Tradução Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano. 2007, Rio de Janeiro.

OGILVIE, Bertrand. **A construção do conceito de sujeito**. Editora Jorge Zahar. 1998, Rio de Janeiro.

QUINET, Antonio. **Os Outros em Lacan - Col. Psicanálise passo-a-passo n°94**. Editora Jorge Zahar, 2012, Rio de Janeiro.

ROUDINESCO, Elisabeth e PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Editora Jorge Zahar. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, 1998.